

# “A FORMA ESCOLAR DA TORTURA”: UMA LEITURA SOBRE O BULLYING ATRAVÉS DE RUBEM ALVES

Márcia Maria Vasconcelos SAMPAIO<sup>1</sup>  
Analaura CORRADI<sup>2</sup>

## RESUMO

O bullying presente nos ambientes sociais e educacionais envolve questões de tratamento e relacionamento que precisam ser questionados dentro do ambiente escolar uma vez que a escola não deve aceitar que seus alunos façam e sofram violência. Este artigo tem como objetivo verificar o bullying e seus atores sociais a partir de um artigo do escritor brasileiro Rubem Alves chamado “A forma escolar da tortura” escrito para A Folha de São Paulo em 31 de março de 2005. A metodologia aplicada é de Análise do Discurso fundamentada nos seguintes autores Bakhtin (1999, 2011), Foucault (1986), Magalhães (2003), Pêcheux (1995), Orlandi (2001) dentre outros.

## PALAVRAS-CHAVE:

Discurso. Bullying. Escola.

## ABSTRACT

Bullying present in social and educational environments involves treatment and relationship issues that need to be questioned within the school environment since the school should not accept that its students do and suffer violence. This article aims to verify the bullying and its social actors from an article by Brazilian writer Rubem Alves called “The school form of torture” written for The Folha de São Paulo on March 31, 2005. The applied methodology is Analysis of the Discourse based on the following authors Bakhtin (1999, 2011), Foucault (1986), Magalhães (2003), Pêcheux (1995), Orlandi (2001) among others.

## KEYWORDS:

Speech. Bullying. School.

## 1. INTRODUÇÃO

Os pais, quando deixam os filhos na escola, esperam que as crianças e jovens estejam livres de violências e que possam se desenvolver cultural, intelectual e socialmente. Todavia, a violência vem tomando conta das instituições escolares, e um dos modos em que a violência escolar atualmente, toma forma, concretiza-se através do fenômeno bullying que são atitudes ofensivas e agressivas, transformando a vida escolar de muitos alunos insuportável, um verdadeiro transtorno para o processo de aprendizagem.

Segundo Fante (2005), bullying é uma palavra inglesa e significa valentão, o verbo em português significa ameaçar, tyrannizar, oprimir, intimidar, maltratar. O conceito de agressão escolar que é tão amplo foi substituído pela palavra bullying que engloba em si todas as formas de violência como maltratar, agredir, violentar, humilhar, assediar e abusar.

Para Bakhtin (1999) as relações sociais nem sempre são movidas pelo diálogo, muitas dessas relações carecem de elementos dialógicos, e no contexto escolar, têm-se ações isoladas em eventos que são coletivos: professores que monologam o tempo todo, alunos que não entendem o que os professores dizem e professores que não entendem o que os alunos falam.

Este artigo tem por finalidade verificar o bullying e seus atores sociais a partir de um artigo do escritor brasileiro Rubem Alves chamado A forma escolar da tortura um artigo escrito para o jornal a Folha de São Paulo em 31 de março de 2005. O método escolhido é de Análise de discurso e contemplará os estudos de Bakhtin (1999, 2011), Foucault (1986), Pêcheux (1995), Orlandi (2001) dentre outros.

O escritor Rubem Azevedo Alves nasceu em Boa Esperança, Minas Gerais, no dia 15 de setembro de 1933 e morreu em 19 de julho de 2014. Foi escritor, educador, psicanalista, teólogo, e ex-pastor presbiteriano. E como educador defendeu uma escola que partilhasse do exercício de ensinar a ver o mundo e as pessoas com olhos humanizados. Em seus textos, sempre questionou a escola, porque segundo

- 
- 1 Mestranda em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia. Possui Especialização em Língua Portuguesa: uma abordagem textual, em Técnicas de Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais e em Educação Especial na Perspectiva da Inclusão.
- 2 Doutora em Ciências Agrárias pela Universidade Federal Rural da Amazônia em Ecoagrossistemas Amazônicos.

Docente titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura, da Universidade da Amazônia (UNAMA). Integrante do Grupo de Estudos Narramazônia (UNAMA/UFPA), ITA - Interações e Tecnologia da Amazônia (UNAMA/UFPA) e coordenadora do Grupo de Estudo Capital Social e Cultural no contexto midiático contemporâneo (UNAMA).

ele esta instituição tem sido um lugar de aprisionamentos.

Segundo Rubem Alves (2002, p. 45), “ensinar é uma tarefa mágica, capaz de mudar a cabeça de pessoas, bem diferente de dar aulas”. Ensinar é algo compartilhado, numa troca onde todos aprendem, aluno aprende com o professor e com os colegas e professor aprende com os alunos. Dar aulas somente o professor fala, somente o professor se faz ouvir, conforme atesta a referida obra:

*Basta contemplar os olhos amedrontados das crianças e os seus rostos cheios de ansiedade para compreender que a escola lhes traz sofrimento. O meu palpite é que, se se fizer uma pesquisa entre as crianças e os adolescentes sobre as suas experiências de alegria na escola, eles terão muito que falar sobre a amizade e o companheirismo entre eles, mas pouquíssimas serão as referências à alegria de estudar, compreender e aprender (ALVES, 1994, p. 11-12).*

O texto a ser analisado fala da prática do bullying dentro das escolas e de como crianças e adolescentes podem ser cruéis umas com as outras. Rubem Alves (2005) começa o texto dizendo que também foi vítima de bullying e que odiou a escola por isso e cita dois casos de dois meninos que por causa da dor e da solidão causada por outros alunos resolveram cometer suicídio numa ânsia de acabar com o sofrimento.

Para Rubem Alves (2005) o bullying é uma forma de tortura, que na escola todos sabem que acontece, mas ninguém propõe nada para acabar com essa violência. O texto mostra o quanto é doloroso não ser aceito nos grupos dentro das escolas e do quanto a rejeição machuca. Os alunos que sofrem bullying estão sentindo solidão, dor, revolta e medo.

A vítima do bullying tem seu desempenho escolar prejudicado em razão desse medo que sente, ou seja, ir para a escola gera sentimentos ruins prejudicando o processo de aprendizagem, além do medo, a vítima do bullying pode sentir ansiedade e insegurança.

Os procedimentos escolhidos na análise são as Relações de Poder e Sujeito Ideológico, através desses elementos mostrar-se-á o discurso do bullying que simultaneamente se relaciona com os estudos de Pêcheux (1995) e Orlandi (2001) sobre

discurso; Foucault (1986) sobre poder e Bakhtin (1999; 2011) sobre alteridade, sujeito e ideologia.

## 2. RELAÇÕES DE PODER

O texto de Rubem Alves (2005) na categoria Relações de Poder foi subdividido em duas subcategorias “Valentão” e “Escola e professores”. No quadro 1 tem-se os fragmentos do texto referente ao “Valentão” e no quadro 2 os fragmentos do texto referente ao que se fala no texto de Rubem Alves sobre a “Escola e professores”.

Nesse tópico irá ser usado o pensamento de Foucault (2004) sobre as relações de poder. Para o autor essas relações de poder são mecanismos que atuam disciplinando e controlando os indivíduos conforme se pode verificar abaixo:

*O poder não se dá, não se troca nem se retoma, mas se exerce, só existe em ação; (...) o poder não é principalmente manutenção e reprodução das relações econômicas, mas acima de tudo uma relação de força (FOUCAULT, 2004, p. 175).*

Ideologicamente os papéis sociais dentro da escola requerem certa hierarquia e dessa hierarquia há uma representação social que diz quem é mais poderoso. Foucault (1986, p. 139) diz: “não importa quem

fala, mas o que ele diz não é dito de qualquer lugar.”

Ou seja, esse lugar que o diretor fala, o professor fala, o aluno que faz o bullying fala, o aluno que sofre bullying cala é um lugar de representação ideológica dentro desse contexto social chamado escola, onde esses sujeitos têm o poder ou não. Como diz Foucault (2005, p. 171):

*Analisar o discurso é fazer com que desapareçam e reapareçam as contradições, é mostrar o jogo que nele elas desempenham; é manifestar como ele pode exprimi-las, dar-lhes corpo, ou emprestar-lhes uma fugidia aparência.*

A palavra “valentão” é polissêmica, ela pode significar coragem, mas em seu sentido figurado, define uma categoria de poder, pois o valentão também pode significar brigão, aquele que gera medo em outras pessoas para assumir algum espaço de destaque.

As palavras “crueldade, intimidação, bater, empurrar, dar murros e chutes” são algumas das características e ações de alunos que cometem o bullying “O valentão, ou um grupo de indivíduos, escolhe a sua vítima que vai ser o seu “saco de pancadas”. A razão? Nenhuma. Sadismo.”. A razão? Nenhuma. Sadismo.”

Quadro 1 – Relações de Poder “Valentão”

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	FRAGMENTOS
Relações de Poder	Valentão	<p>“O valentão: um menino que, em virtude de sua força e de sua alma deformada pelo sadismo tem prazer em intimidar e bater nos mais fracos.”</p> <p>“No “bullying” um indivíduo, o valentão, ou um grupo de indivíduos, escolhe a sua vítima que vai ser o seu “saco de pancadas”. A razão? Nenhuma. Sadismo. Eles não vão com a cara da vítima.”</p> <p>“Crianças e adolescentes podem ser cruéis.”</p> <p>“O valentão, ou um grupo de indivíduos, escolhe a sua vítima que vai ser o seu “saco de pancadas”. A razão? Nenhuma. Sadismo. Eles “não vão com a cara” da vítima. É preciso que a vítima seja fraca, que não saiba se defender. Se ela fosse forte e soubesse se defender a brincadeira não teria graça. A vítima é uma peteca: cada um bate e ela vai de um lado para outro sem reagir.”</p> <p>“Seus colegas fizeram-no motivo de chacota porque ele era muito gordo.”</p> <p>“Batiam-lhe, empurravam-no, davam-lhe murros e chutes.”</p>

Fonte – Pesquisa de campo Sampaio (2016)

A palavra “força” é uma característica do aluno que faz o bullying e também é uma categoria de poder nos grupos sociais, pois se usa a força para intimidar outras pessoas e se colocar em relevância e assim ganhar espaço e popularidade “É preciso que a vítima seja fraca, que não saiba se defender. Se ela fosse forte e soubesse se defender a brincadeira não teria graça.”

A palavra “sadismo” define o que é bullying para Rubem Alves (2005), uma vez que a pessoa sádica não mede esforços para fazer outra pessoa sofrer.

O bullying se dá pela mediação entre a palavra que ofende e a agressão física, para Orlandi (2001, p. 15): “O trabalho simbólico do discurso está na base da produção humana.” Ou seja, a linguagem é mediação entre o homem e o mundo, através dela o homem transmite seus sentimentos e externa seus pensamentos. Por que “as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam” (PÊCHEUX, 1988, p. 160).

Quadro 2 – Relações de Poder “Escola e Professores”

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	FRAGMENTOS
Relações de Poder	Escola e Professores	<p>“Bullying” é a forma escolar da tortura.</p> <p>“Não conta aos professores porque sabe que isso só poderá tornar a violência dos colegas mais violenta ainda.”</p>

Fonte – Pesquisa de campo Sampaio (2016)

Segundo Orlandi (1988) é no discurso que se observa a correspondência entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz nexo para os homens. Para ela o sujeito do discurso é múltiplo, porque é plural:

*É múltiplo porque atravessa e é atravessado por vários discursos, por que não se relaciona mecanicamente com a ordem social da qual faz parte, por que representa vários papéis etc (ORLANDI, 1988, p. 11).*

Para Pêcheux (1995) os discursos também são formados a partir de uma ideologia, e levando-se em conta uma relação de poder, determinam quem fala e como fala, o lugar discursivo é determinado não só pelo lugar social, mas também pela estrutura da língua, materializada no intradiscurso, segundo o referido autor:

*A cadeia sintática dos significantes determina para o sujeito o seu lugar, identificando-o a um certo ponto na cadeia (o significante, no qual ele se representa), e que esse mecanismo de identificação*

*diferencial não é outro senão o “efeito de sociedade”, cujas dissimetrias encontram aqui sua causa (PÊCHEUX, 1995, p. 75).*

É nesse contexto que entre em jogo o não-dito das práticas de bullying dentro das escolas, pois ele é disfarçado, velado e acontece debaixo dos olhos de professores, coordenadores e diretores. Como diz Foucault (2005, p. 171):

*O discurso é o caminho de uma contradição a outra: se dá lugar às que vemos, é que obedecem à que oculta. Analisar o discurso é fazer com que desapareçam e reapareçam as contradições, é mostrar o jogo que nele elas desempenham; é manifestar como ele pode exprimi-las, dar-lhes corpo, ou emprestar-lhes uma fugidia aparência.*

Assim, o discurso do bullying nasce enraizado a uma rede tecida por discursos que também carregam em si ideologias de

*ciada por uma ampla gama de fatores, que envolvem desde as características pessoais da vítima e do agressor até seu ambiente cultural e físico. No entanto, grande parte da violência contra crianças continua camuflada por muitas razões. Uma delas é o medo: muitas crianças têm medo de denunciar incidentes de violência contra elas.*

O medo que fala o texto da Assembleia Geral das Nações Unidas (2006) também se refere ao medo que a vítima do bullying sente, por isso, não conta o que está vivenciando nem para os seus pais, nem para os seus professores. A vítima não consegue comentar com outras pessoas as agressões que sofre dentro da escola por vergonha e medo.

Segundo Fante (2005) a vítima do bullying não consegue reagir aos ataques e as agressões e isso compromete o seu desenvolvimento dentro da sala de aula, aumentando a ansiedade e podendo causar depressão. O silêncio das vítimas torna um aliado poderoso dos valentões do bullying, ajudando a aumentar a violência.

### 3 SUJEITO IDEOLÓGICO

A categoria Sujeito Ideológico foi subdividida em uma subcategoria referente ao ator social “Vítima”. No quadro 3, têm-se os fragmentos do texto referente ao que a vítima do bullying sofre dentro das escolas.

Para Bakhtin (1999) o sujeito é parte atuante do meio social em que está inserido e por isso o transforma e é por ele também transformado, não sendo apenas um assujeitado ideologicamente.

Todavia, o ator social que sofre bullying acaba sendo uma vítima nas mãos de alunos que usam a força para intimidar e coagir esses alunos tirando-lhes a força da reação e tornando-lhes assujeitados por causa do medo ideológico que sentem.

No discurso das “vítimas” presentes no texto de Rubem Alves (2005) o sujeito ideológico que sofre o bullying é um sujeito social que sofre as interferências dos discursos de preconceito e violência e que por isso acaba sendo assujeitado ideologicamente.

violência, crueldade e categorias de poder. O sentido desses discursos que em muitos casos são velados, porque são polissêmicos, são construídos numa relação histórica e de interação verbal.

Quais as relações de poder que a escola e os professores representam? Sendo os professores autoridades dentro da escola por que os alunos que sofrem bullying não contam a eles o que estão vivendo?

Dizer que “Porque sabe que isso só poderá tornar a violência dos colegas mais violenta ainda.” Reflete o medo que se sente em denunciar os valentões. É aterrador para aluno que sofre bullying supor que falar para alguém o que está acontecendo com ele pode fazer com que seu sofrimento aumente ainda mais.

O texto da Assembleia Geral das Nações Unidas (2006, p. 9) mostra a violência com que crianças são submetidas em casa e nas escolas e como elas não conseguem vencer o medo de denunciar seus agressores, segundo o texto:

*A violência contra crianças assume diversas formas e é influen-*

Quadro 3 - Sujeito Ideológico "Vítima"

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	FRAGMENTOS
Sujeito Ideológico	Vítima	<p>"Por causa dele odiei a escola."</p> <p>"Mas eles não convidavam nem a gorda e nem a magricela."</p> <p>"A vítima é uma peteca: cada um bate e ela vai de um lado para outro sem reagir."</p> <p>"A vítima sabe que não há jeito de fugir. Ela não conta aos pais, por vergonha e medo. Não conta aos professores porque sabe que isso só poderá tornar a violência dos colegas mais violenta ainda. Ela está condenada à solidão."</p> <p>"Edimar era um jovem tímido de 18 anos que vivia na cidade de Taiúva, no estado de São Paulo. Seus colegas fizeram-no motivo de chacota porque ele era muito gordo. Puseram-lhe os apelidos de "gordo", "mongolóide", "elefante-cor-de-rosa" e "vinagrão", por tomar vinagre de maçã todos os dias, no seu esforço para emagrecer."</p> <p>"Luis Antônio, garoto de 11 anos. Mudando-se de Natal para Recife por causa do seu sotaque passou a ser objeto da violência de colegas. Batiam-lhe, empurravam-no, davam-lhe murros e chutes. Na manhã do dia fatídico, antes do início das aulas, apanhou de alguns meninos que o ameaçaram com a "hora da saída". Por volta das dez e meia, saiu correndo da escola e nunca mais foi visto. Um corpo com características semelhantes ao dele, em estado de putrefação, foi conduzido ao IML para perícia."</p>

Fonte – Pesquisa de campo Sampaio (2016)

Rubem Alves (2005) começa o texto falando que também sofreu bullying quando foi estudante e fala da solidão de alguns alunos que por algum motivo não são aceitos nos grupos de estudantes, mas ele diz que passou boa parte da vida escrevendo sobre a forma de tortura da escola e não da forma de tortura com que alunos e alunos são capazes de tratar seus semelhantes, como se lê abaixo:

*Dediquei-me a escrever sobre os sofrimentos a que as crianças e adolescentes são submetidos em virtude dos absurdos das práticas escolares. Mas nunca pensei sobre os sofrimentos que colegas infligem a colegas seus. Talvez eu preferisse ficar na ilusão de que todas as crianças e todos os adolescentes são vítimas. Não são. Crianças e adolescentes podem ser cruéis (ALVES, 2005, A forma escolar da tortura).*

A escolha de Rubem Alves (2005) em falar a princípio da forma escolar de tortura se dá pelas categorias sociais de poder institucionalizado que a escola exerce sobre os indivíduos que ali estão, mas quando Rubem Alves reconhece que os alunos também são capazes de torturar seus semelhantes entra em jogo o poder que alunos exercem sobre outros alunos assujeitando-os, conforme podemos verificar:

*"Bullying" é o nome dele. Fica o nome inglês porque não se encontrou palavra em nossa língua que seja capaz de dizer o que "bullying" diz. "Bully" é o valentão: um menino que, em virtude de sua força e de sua alma deformada pelo sadismo tem prazer em intimidar e bater nos mais fracos. Vez por outra as crianças e adolescentes brigam em virtude de desentendimentos. São brigas que têm uma razão. Acidentes. Acontecem e pronto (ALVES, 2005, A forma escolar da tortura).*

A prática do bullying anuncia um problema sério dentro das escolas a falta de dialogicidade que Bakhtin (1999) frisou quando falou de alteridade e da relação eu-tu, pois é nessa relação com o outro que o eu tem sentido.

Ainda segundo Bakhtin (1999) o eu só tem sentido quando o outro lhe atravessa, o problema é quando esse outro que atravessa é um valentão que faz o bullying. Bakhtin (1999) usou o termo dialogismo a fim de evidenciar o caráter social da linguagem, para Bakhtin:

*A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social (BAKHTIN, 1999, p. 36).*

Magalhães (2003) diz que na concepção bakhtiniana a intenção do autor é objetivada no discurso, é nele e através do discurso, nessa atividade de interação verbal que o fazer humano é orientado pelo momento subjetivo que pressupõe leitura do mundo, intencionalidade e conhecimento técnico. Para Bakhtin os discursos são sociais, por isso são ideológicos:

*A enunciação, compreendida como uma réplica do diálogo social, é a unidade de base da língua, trata-se de discurso interior (diálogo consigo mesmo) ou exterior. Ela é de natureza social, portanto ideológica. Ela não existe fora de um contexto social, já que cada locutor tem um "horizonte social". Há sempre um interlocutor, ao menos potencial. O locutor pensa e se exprime para um auditório social bem definido (YAGUELLO, 2006, p. 17).*

Ou seja, ao produzir um enunciado o enunciador não separa seus conceitos ideológicos de sua fala, segundo Bakhtin (2006), além disso:

*A palavra é o signo ideológico por excelência; ela registra as menores variações das relações sociais, mas isso não vale somente para os sistemas ideológicos constituídos, já que a "ideologia do cotidiano", que se exprime na vida corrente, é o cadinho onde se formam e se renovam as ideologias constituídas (YAGUELLO, 2006, p. 17).*

Para o Bakhtin (1999) o signo é ideológico e se constrói no ambiente social de comunicação com a sociedade e com a linguagem pela interação verbal, desta forma:

*Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico instrumento de produção ou produto de consumo; mas ao contrário destes, ele também reflete e trata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia. (...). A existência do signo nada mais é do que a materialização de uma comunicação. É nisso que consiste a natureza de dos os signos ideológicos (BAKHTIN, 1999, p. 31).*

A interação verbal é efetivada pelas práticas dialógicas vivenciadas pelos indivíduos em suas interações sociais, ou seja, seus atos de fala, a palavra dita, os enunciados praticados pelos sujeitos.

O sujeito sendo um sujeito social é um agente modificador nessa atividade social a qual faz parte, mesmo que seu discurso sofra interferência de outros discursos, não lhe tira o caráter ativo de sujeito ao estabelecer estratégias comunicativas, ele atribui a esse sujeito responsabilidades pelo uso que este faz da linguagem.

Quando Rubem Alves compara esse sujeito ideológico a uma peteca na mão do aluno que faz o bullying está dizendo que a vítima não consegue se livrar do sofrimento e em muitos casos acaba tomando atitudes severas como a do Edimar e a do Luís.

Palavras como “odiei, gorda, magricela” são fortes demais para serem suportadas por crianças e jovens dentro de instituições educativas onde essas pessoas passam cerca de seis horas por dia convivendo com seus “algozes” todos os dias.

Histórias como essas não são ficções (o caso de Edimar é citado no livro de Silva (2015, p. 123). Rubem Alves (2005) diz em seu artigo que os casos de Edimar e Luís são histórias que retratam a dor de meninos e meninas que sofrem por não serem aceitos nos grupos de jovens. Até quando outros meninos e meninas vão continuar sofrendo por causa do bullying?

#### 4 CONCLUSÃO

Estudar aspectos da Análise do Discurso em um texto que aborda um tema muito comum no ensino básico é um desafio urgente, porque não se pode mais aceitar que alunas e alunos continuem sofrendo com a violência do bullying dentro das escolas.

O artigo de Rubem Alves (2005) retrata a dor de estudantes que sofrem bullying e vai além, porque o texto cita dois casos reais de jovens que em meio a dor cometeram suicídio em virtude da crueldade com que crianças e adolescentes são capazes de tratar os outros dentro da escola.

A análise foi feita com base em autores que abordam a ideologia, o dialogismo e o discurso, o discurso uma vez proferido nasce inclinado a uma ideologia, um pensamento, uma visão de mundo e dentro das escolas esse pensamento de mundo dos atores sociais que fazem o bullying está atrelado a ideologias de segregação e preconceito visões que não favorecem o dialogismo.

O texto de Rubem Alves (2005) trouxe o tema do bullying e seus atores sociais a fim de revelar como a escola tem camuflado a existência de tal violência que seus alunos têm sofrido. Dessa forma, esse texto ao identificar quem são os atores sociais que fazem o bullying o valentão e quem são os atores sociais que sofrem o bullying a vítima oferece um caminho a professores e educadores para que possam identificar esses atores e assim buscar meios de vencer o bullying dentro da escola.

#### REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch / VOLOCHINOV, V. N. *Marxismos e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1999, 2006.

\_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

FANTE, Cléo. *Fenômeno bullying*. Campinas: Verus, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*.

São Paulo: Graal, 2004.

MAGALHÃES, Belmira. *O sujeito do discurso: um diálogo possível e necessário*. Alagoas, Revista Linguagem em (Dis)Curso, Tubarão, v. 3, número Especial, p. 73-90, 2003.

ORLANI, Eni Puccinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. *Discurso e Leitura*. São Paulo: Cortez, 1988.

PECHEUX, Michel. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas, Pontes, 1995.

PIRES, Vera Lúcia. *Dialogismo e alteridade ou a teoria da enunciação em Bakhtin*. Organon (UFRGS), UFRGS - Porto Alegre, v. 16, n.32/33, p. 35-48, 2003.

YAGUELLO, Marina. In: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch / VOLOCHINOV, V. N. *Marxismos e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.

[https://www.unicef.org/brazil/pt/Estudo\\_PSP\\_Portugues.pdf](https://www.unicef.org/brazil/pt/Estudo_PSP_Portugues.pdf). Assembleia Geral das Nações Unidas. Acesso em 01 de janeiro de 2017.